PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO EM JORNALISMO NA CIDADE DE PONTA GROSSA

Kethlyn Tainá Lemes (PIBIC/UEPG), e-mail: kethlyn93@gmail.com; Paula Melani Rocha (Orientadora), e-mail: paulamelani@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo.

Comunicação, Jornalismo e Editoração

Palavras-chave: jornalismo, mercado de trabalho, feminização

Resumo

Em um cenário de transformações do jornalismo, caracterizado pelo impacto da tecnologia, a proposta da reflexão é analisar o mercado de trabalho do jornalismo regional, especificamente em Ponta Grossa, sob a perspectiva da participação feminina nas redações. Observar a divisão dos cargos também é um dos objetivos, e mesmo fazer comparações entre as próprias redações, atribuindo as semelhanças e diferenças entre elas, colocando em evidências possíveis desigualdades de gênero que muitas vezes estão dentro do mercado de trabalho e mesmo nas relações interpessoais.

Introdução

O processo de profissionalização do jornalismo e as transformações do mercado de trabalho, ao longo do século XX, favoreceram o ingresso gradativo de mulheres na carreira e hoje elas já ocupam maioria dos postos nas redações do país, considerando o mercado informal. Pesquisa realizada pelo programa de pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 2.731 jornalistas brasileiros, para verificar o perfil do profissional, apontou que 63,7% dos entrevistados são mulheres, contra 36,3% homens. Na faixa etária entre 18 e 30 anos, as mulheres representam 69% da categoria. Contudo as desigualdades de gênero ainda são perceptíveis no mercado de trabalho em relação a salário e outros aspectos. Com relação ao salário, 65,5% das mulheres recebem menos de cinco salários mínimos e 31,9% recebem mais de cinco salários mínimos; a proporção masculina é de 50% com menos de cinco salários e 46% com mais (MICK; LIMA, 2013).

De acordo com a pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro, referente ao ano de 2012, somente 59,8% dos profissionais da mídia têm carteira assinada (LIMA; MICK, 2012), Leite (2015, p.68) acrescenta que os jornalistas que atuam em jornais, revistas, agências de notícia, emissoras de televisão e emissoras de rádio "são contratados predominantemente com carteira de trabalho assinada, chegando a 75% do total de jornalistas que trabalham nas redações".

Ao cruzar os dados do enxugamento das redações com as formas de contratação, percebe-se que vem aumentando o contingente de profissionais que atuam "fora da mídia" e com formas informais de contratação, sobretudo em relação à mão de obra feminina. A cidade de Ponta Grossa está na contramão da perspectiva nacional, a partir de que 69,8% dos profissionais dentro da mídia são homens, enquanto apenas 30,2% são mulheres. No entanto, as desigualdades são as mesmas

Materiais e Métodos

Foram analisadas 13 redações jornalísticas de Ponta Grossa, dentre elas, duas relacionadas a jornais diários impressos, que tratam de assuntos do município e regiões próximas, *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã.* Assim como, nove rádios que tem sede na cidade, sendo regionais ou estaduais, FM e Am, *Antena Sul, CBN*, *Rádio Difusora, Jovem Pan*, *Rádio Mundi, MZ FM, Rádio Clube, Sant'Ana* e *Rádio T*. E ainda duas emissoras de televisão, sendo elas, canais abertos, Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV) e Rede Massa.

O processo de coleta de dados foi feito com visita nas redações e aplicação de um questionário com os funcionários. No jornal Diário dos Campos 14 profissionais que trabalham na redação, sendo sete homens e sete mulheres. Dos sete repórteres que trabalham distribuídos entre as editorias do jornal, seis são mulheres, sendo uma delas estagiária (no momento da visita) e outra colunista. Ainda no Diário dos Campos a faixa etária predominante é entre 30 a 40 anos. Além disso, três dos 14 empregados têm alguma pós-graduação. Já o Jornal da Manhã ao todo são 12 profissionais. Sendo 11 homens, apenas uma deste total é mulher. Somando com tal dado ainda se tem o fato de que é a única profissional que não tem contrato permanente com a empresa jornalística, trabalhando como *freelancer*, para alguns conteúdos ditos 'especiais'.

A redação da rádio Jovem Pan é composta por três pessoas. Dois tem pós-graduação com idades que variam de 22 a 36 anos. Nesta rádio trabalha uma mulher. Outra emissora radiofônica analisada foi a Mundi Fm. No total são sete profissionais com idades entre 25 e 75 anos, apenas uma mulher. As redações, Rádio T e Difusora têm um profissional. Nas duas redações os profissionais são formados em jornalismo e não tem pós-graduação. A idade média de 20 a 30 anos.

A rádio CBN tem uma equipe com quatro profissionais, a única mulher na redação é também a editora. Todos são formados ou estão em formação em jornalismo. As redações das emissoras Antena Sul e MZ FM são 100% masculinas, a primeira contém seis profissionais, enquanto a segunda, apenas três; idade vão de 23 à 42 anos. A última rádio mapeada foi a Sant'Ana Am tem dois homens e uma mulher, que no caso, é a única formada.

A RPC tem um total de 24 profissionais, 19 homens e cinco mulheres. Mais da metade das mulheres(3) tem pós-graduação. Elas tem de 28 à 40 anos. Já, os

homens são 19, quase três vezes mais do que a quantidade de mulheres, no mesmo local de trabalho. A função de chefia da redação é comandada por um homem. A faixa etária masculina é mais elástica, entre 26 à 50 anos.

A Rede Massa tem 13 funcionários que trabalham na redação. Aqui se tem um caso que o número feminino é maior do que o masculino, sendo sete mulheres e seis homens. A idade média dos profissionais, está entre os 20 e 33 anos. A porcentagem de formados chega a 90%. A relação de pós-graduados é contrária, três pessoas apresentam essa característica, duas desses são mulheres.

Revisão de literatura

O campo da comunicação permite estudos amplos, conseguir restringir ao recorte do gênero ainda traz materiais importantes e, sem dúvida, é um desafio. Assim, como afirma Escosteguy e Messa (2008, p.28), o tema permite inúmeras possibilidades. Na pesquisa desta autora, os estudos de gênero ainda eram iniciais nas universidades, entretanto já trazem uma contribuição no esforço de mapear o conteúdo produzido, podendo assim colocar em discussão as questões de gênero na área da comunicação.

A necessidade do estudo de gênero dentro ou fora das redações, se faz uma tarefa complicada na medida em que as relações interpessoais são muitas vezes, subjetivas. Por vezes, se tem a visão de que a redação é um lugar descontraído, mas acaba-se deixando de lado o fato de que as pessoas trabalham muitas horas no mesmo lugar, convivendo com as mesmas pessoas. As interações entre os grupos revelam as relações que envolvem o gênero, poder e hierarquia (Silva, 2010, p.99).

Muita alternativas e motivos para tal diferença se apresentam, até mesmo com relação aos meios de produção. É o que afirma Pontes (2016, p.2), o autor diz que a categoria sofre com pressões e modificações dos meios de produção. Usa como base alguns dados que se assemelham muito a esta pesquisa como, idade, divisão dos cargos, desigualdades de gênero e faixa salarial. Exige-se da mulher sempre as provas de que são capazes, mesmo conseguindo provar, é menos provável que cheguem a cargos de liderança.

Resultados e Discussão

Dos dois jornais impressos visitados, apenas o Diário dos Campos apresenta uma parcela masculina e feminina proporcional, formalmente contratados pela empresa. O Jornal da Manhã apesar de ser uma quantidade relativamente próxima ao Diário dos Campos, a disparidade com relação ao gênero é consideravelmente maior. Outro dado é que o jornal que tem mais mulheres empregadas, é o que apresenta uma faixa etária maior, logo elas tem também mais experiência profissional, já o outro que emprega mais homens, caracteriza-se com um perfil mais jovem. Pode-se dizer que em média as redações em Ponta Grossa são masculinas,

com exceção da Rádio T e do Diário dos Campos, a participação feminina no jornalismo local é consideravelmente em menor grau.

Conclusões

A análise completa dos dados traz um panorama mais completo do que seria o perfil do jornalista nas redações de Ponta Grossa. Ainda em comparação com o perfil nacional, pode-se ir pelo recorte do gênero assim admitindo que algumas das hipóteses iniciais se confirmam, como o fato das mulheres serem em menor número no mercado de trabalho formal. Pode-se dizer que em média as redações da cidade são masculinas. Os resultados finais da pesquisa também são importantes na medida em que contribui para a discussão do papel da mulher não só na sociedade, mas no mercado de trabalho, lembrando que o estado do Paraná não tem os dados do mercado de trabalho em jornalismo de forma sistematizada, assim a pesquisa contribui com o recorte de Ponta Grossa.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Fundação Araucária pela por acreditarem na presente pesquisa. Agradeço a Professora Paula pela disponibilidade e vontade de trabalhar o tema.

Referências ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LEITE, A. T. B.. **Profissionais da mídia em São Paulo:** Um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo. São Carlos: UFSCar, 2015. 232p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MICK, Jacques. **Detalhamento metodológico da pesquisa "Perfil profissional do jornalismo brasileiro".**

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro. Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis, ed. Insular, 2013

PONTES, Felipe Simão. **Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico**: o perfil das jornalistas brasileiras. 2º Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História. Guarapuava: Unicentro, junho 2016.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo:** um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS,